



TEIXEIRA, Gil Clemente. *Insulana*. In: **Revista Épicas**. Ano 6, N. 11, Jun 22, p. 113-115. ISSN 2527-080-X.

DOI: <http://dx.doi.org/10.47044/2527-080X.2022v11>

INSULANA

TOMÁS, Manuel. **Insulana**. A João Gonçalves da Câmara, Conde da Vila Nova da Calheta. Amberes: em casa de João Meursio, impressor, 1635.

Gil Clemente Teixeira (Universidade de Lisboa)¹

Manuel Tomás (1585, Guimarães – 1665, Funchal) não ocupa um lugar no panteão dos poetas maiores da literatura portuguesa. Dos seus livros, porém, como bem lembrou Maria do Céu Fraga, podemos guardar páginas que merecem figurar em antologias de poesia do século XVII. Portanto, é justo pensá-lo *poeta*, como ele tanto quis ser. Da sua obra cumpre lembrar dois poemas épicos, *Insulana* (1635) e *Phaenix da Lusitania* (1649), ambos publicados fora de Portugal (em Antuérpia e em Ruão, respetivamente), embora o tema de ambos esteja fortemente ligado à história pátria.

A *Insulana*, poema dedicado a João Gonçalves da Câmara, conde da Vila Nova da Calheta, mereceu vários textos laudatórios, como se pode ver nas primeiras páginas do livro. O poema, com 1462 estâncias e 11696 versos distribuídos por dez livros, tem como tema a descoberta da ilha da Madeira em 1419, numa viagem liderada por João Gonçalves Zargo ao serviço do Infante D. Henrique. Os argumentos que precedem o poema resumem o conteúdo de cada livro. Apresentamo-los aqui com uma ortografia modernizada:

livro I: “Com um breve epílogo das grandezas de Portugal mostra a razão que ouve para que João Gonçalves Zargo Capitão da Costa do Algarve fosse eleito para o descobrimento da Ilha da Madeira.”

¹ Bolseiro de doutoramento da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

livro II: “Contém a história de Machim Inglês, referida por João de Amores Piloto Castelhana ao Zargo, com os amores de Anna de Harfet primeiros descobridores da Ilha, e a eleição que se fez no Zargo para seu descobrimento.”

livro III: “Com as saídas das naus contém um parecer que Neptuno propõem aos falsos Deuses Marinhos em glória do Povo Lusitano, para que os Navegantes sejam com danças e coreias festejados; pinta-se a Estância de Neptuno, e dá-se a razão porque, parte do Mar Atlântico se chamou o Vale das Éguas, chega a Armada ao Porto Santo, duvidam o acometimento da Ilha, pela muita escuridão das névoas, a que chamaram vorage, aparece a Ilha em sonhos ao Zargo e descobre a Ponta de S. Lourenço.”

livro IV: “Se pinta a frescura do sítio de Machico, acham-se as sepulturas dos ingleses, descobrem-se os Portos, e Abras da Ilha, até Câmara de lobos, sobe o Capitão Zargo à Casa do Tempo.”

livro V: “Se pinta a Casa do Tempo, e mostra ele ao Zargo o como tornará a povoar a Ilha, o que mais dela se descobriu até à divisão das Capitánias, povoações e cultura da Terra.”

livro VI: “Mostra o Tempo ao Capitão Zargo seus Descendentes até ao Capitão João Gonçalves da Câmara, o Magnífico, os sucessos da Ilha, Entradas de África assim de seus sucessores, como de muitos nobres dela.”

livro VII: “Continua as Entradas de África pelos mais Capitães, as cousas da Ilha até o primeiro Conde Simão Gonçalves da Câmara, a Entrada dos Franceses na Ilha, e alguns Prelados.”

livro VIII: “Contém a vida, excelências, morte, e milagres em parte, do Beato Frei Pedro da Guarda.”

livro IX: “Vaticina Proteu em um ilhéu ao Zargo os Feitos dos mais Capitães, e Prelados, até ao feliz tempo do senhor Conde Capitão João Gonçalves que vive, mostra parte dos muitos Nobres da Ilha que militaram.”

livro X: “Mostra o mesmo Proteu as excelências da Ilha em Templos Magníficos, altas Fortalezas, cultura de flores e árvores, frescura de águas, e a muita abundância que tem de ricos frutos na Terra, e de vários pescados no Mar.”

A *Insulana* nunca conquistou a simpatia dos críticos portugueses. Manuel Tomás acabou por profetizar a história crítica negativa que o seu poema teve. No prólogo ao leitor, escreve com acidez: “como há leis justas para os que cometem delitos, as havia de haver para os idiotas, que sem entenderem o que leem, nem conhecerem o preço das cousas, se põem a murmurar dos trabalhos alheios”. Até ao século XX, a *Insulana* não mereceu juízos críticos muito favoráveis, e não podemos dizer que tenham sido escritos por idiotas. Basta lembrar que não apreciaram a epopeia estudiosos de inegável importância crítica como Teófilo Braga ou Mendes dos Remédios nas suas histórias da literatura portuguesa. No século XX, Cabral do Nascimento e João David Pinto Correia, ambos madeirenses, quebraram esta corrente de juízos negativos.

No século XXI, ajudaria a uma maior divulgação da obra uma reedição do poema e investigadores portugueses estão a trabalhar neste projeto.

Tem razão João David Pinto Correia (1993) quando afirma que o leitor moderno “terá alguma dificuldade de ler” a *Insulana*. Todavia, este poema de espécie ambígua, como bem o definiu José Agostinho de Macedo no discurso preliminar do seu poema *Oriente* (1814), pode merecer uma leitura por diversos motivos que ultrapassam o mero cultivo de um patriotismo insular. Do ponto de vista histórico-literário, ler um autor *menor* pode ajudar a compreender os motivos por que outro merece a designação de *maior*. Não se pense, porém, que, por ser menor, Manuel Tomás despreza a tradição literária: as suas profusas anotações nas margens do poema provam o contrário. Só do mundo dos clássicos o poeta cita Homero, Virgílio, Hesíodo, Marcial, Valério Flaco, Lucano, Estácio, Ovídio, Séneca, Aulo Gélio, Plutarco, Eurípides, entre outros. Especialmente interessante (por vezes tensa) é a relação que Manuel Tomás estabelece com Camões, como já notara o oitocentista José Maria da Costa e Silva. Além disso, alguns passos do poema merecem leitura pela sua cativante beleza: o epílogo do livro I, o episódio de Anna de Harfet e Machim no livro II, a abertura do livro VII na qual se trata o poder do Amor, o livro VIII dedicado à história de Frei Pedro da Guarda ou até o livro X, no qual o poeta, entre pinturas atraentes da ilha da Madeira, oferece ao leitor uma garantia sempre consoladora: “vence Amor qualquer dificuldade” (X, 136).

Bibliografia sintética

a) Ler o poema

Manuel Tomás (1635). *Insulana*. A João Gonçalves da Câmara, Conde da Vila Nova da Calheta. Amberes: em casa de João Meursio, impressor. Disponível em: <https://purl.pt/34852>

b) Entender melhor o poema

João David Pinto Correia (1993). “O descobrimento da Madeira num poema épico do século XVII (a *Insulana* de Manuel Tomás)”, *A Universidade e os descobrimentos. Colóquio promovido pela Universidade de Lisboa*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, pp. 291-306.

c) Conhecer melhor o autor e o conjunto da sua obra

Maria do Céu Fraga (2005). “Tomás, Manuel”, *Biblos. Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa*, vol. 5. Lisboa: Editorial Verbo, pp. 452-454.

Martinho Soares (2020). “Quem foi Manuel Tomás, autor da *Insulana*? Um *lapsus linguae* e outros equívocos”, *O Mundo Clássico e a Universalidade dos seus valores: Homenagem a Nair de Nazaré Castro Soares. Volume II*. António Rebelo e Margarida Miranda (coords.). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, pp. 179-185. Disponível em: <http://monographs.uc.pt/iuc/catalog/download/162/325/601-1?inline=1>.